

Entrevista ao Sr. Diretor José Ramos

A Escola na Sociedade do Conhecimento

1-Acha que na nossa escola existem desigualdades sociais?

- Claro que existem. A escola é, cada vez mais, o reflexo da sociedade. Temos na escola todos os membros da sociedade e, como somos uma escola inclusiva, recebemos todos os alunos. É natural que tenhamos dentro da escola todas as classes sociais e que, de facto, existam desigualdades entre vários alunos.



2-Quais as consequências dessas desigualdades?

As consequências dessas desigualdades são equivalentes ao que acontece na sociedade. As pessoas são diferentes, tem hábitos diferentes, tem necessidades diferentes, portanto, para a escola, o importante não são as consequências das desigualdades, que existem naturalmente mas o que deve fazer para tentar evitar que existam essas desigualdades. Ou seja, existem consequências negativas pelo facto de haver desigualdade. A escola deve tentar contribuir para que todos os alunos tenham igualdade de oportunidades. Isso é um papel fundamental da escola, independentemente dos diferentes alunos que tem. Todavia, temos de ter em atenção que nem todos os alunos querem a mesma coisa porque também têm origens diferentes, têm aspirações diferentes, e a maior parte das vezes, ainda não sabem o que querem. Muitas vezes é a escola que tem de ir ao encontro dos alunos, através dos seus intermediários, para lhes dar a conhecer o seu potencial e quais são as opções que poderá escolher para o futuro. O fundamental é que os alunos sejam felizes porque atingiram os seus objectivos, e isso é que é importante para a Escola.

. 3 – Partindo da sua experiência profissional ao longo dos anos, o que acha dos alunos de hoje em dia? Como Caracteriza o aluno actualmente?

O aluno de hoje é igual ao aluno de antigamente. No entanto, com a evolução da sociedade tecnológica, cada vez mais os alunos têm vontade e necessidade de fazer menos, ou seja, cada vez mais subsiste uma lógica do “clique do botão”. De facto, carregamos em botões e as

coisas aparecem feitas. Antigamente, para trabalhar, havia máquinas de calcular, não havia computadores, não havia a informação disponível que existe neste momento. Hoje, os alunos, tal como vocês (entrevistadores), habituaram-se à comunicação com telemóveis... o toque nos botões resolve muitos problemas e a resolução é imediata. A consequência é que muitos alunos convencem-se que não é necessário trabalhar muito para se obter resultados, o que é um engano...pois só com muito trabalho vão conseguir atingir os seus objectivos que também são os nossos.

Qualquer pessoa para atingir os seus objectivos tem de trabalhar, seja no desporto, na profissão, nas actividades de lazer ou do que for. É obrigatório trabalhar muito para atingirmos os nossos objectivos. Eu acho que é esse ponto que os jovens de hoje em dia não estão a desenvolver. A vontade de trabalhar, a vontade de investir em alguma coisa para colher frutos mais tarde. Acho que isso é a principal lacuna, não investem no conhecimento, nem se disponibilizam para um trabalho árduo. No entanto, acho que estão mais ágeis, mais rápidos, são melhores do que eram antigamente no domínio das tecnologias, só que... que gostam menos de trabalhar do que antigamente gostavam ou eram obrigados a gostar.

4- Considera que neste momento a educação dos alunos é um aspecto a melhorar em casa ou na escola?

Eu acho que essencialmente, a educação, tem que melhorar na cabeça dos alunos. A educação dos alunos constitui-se com o que aprendem em casa, com o que aprendem na escola, com o que aprendem no café, com o que aprendem com os colegas fora da escola e fora de casa, mas o que tem que mudar, fundamentalmente, é a forma como na cabeça dos alunos as diferentes informações são analisadas e incorporadas de forma a traduzirem-se em comportamentos. Os pais têm de ajudar os filhos a crescer, a aprender, proporcionar-lhes condições para que possam vir a ser felizes e a escola tem exactamente a mesma função, ou seja, as funções são as mesmas. Acho que neste momento há uma crise de valores em muitas famílias, pois a família está-se a afastar um bocado dessa obrigação. Se calhar, pelo facto de trabalharem mais horas e estarem assim, menos tempo com os filhos. Estes, por outro lado, passam mais tempo na escola e assim, é normal a transferência da responsabilidade da educação para a escola. Porém, a escola não consegue fazer tudo. A escola consegue fazer apenas uma parte. É fundamental o apoio dos pais.

5- Qual a sua opinião em relação aos cursos profissionais? Acha que tem tido êxito? Quais os aspectos a melhorar?

Os cursos profissionais são uma opção de escola. De facto, esta é uma antiga escola industrial e comercial, onde sempre existiu a tradição de oferecer cursos profissionais ou ligados à profissionalidade. São excelentes mecanismos de formação e por isso considero que os cursos profissionais não deveriam ser, como ainda são de vez em quando, uma segunda opção. Ou seja, o curso profissional muitas vezes é visto como uma opção válida apenas para os alunos que reprovam uma ou duas vezes. Acho que não deveria ser assim, acho que devia ser uma opção de início, -“eu quero esta profissão, eu quero fazer este trabalho!”, então o aluno devia optar de imediato. A maior parte dos alunos que entram para cursos profissionais normalmente têm sucesso, conseguem concluir os cursos com sucesso. A experiência que temos de formações profissionais nesta escola, mostra que os alunos que passaram pela escola e saíram com formações profissionais, estão muito bem na vida, estão com bons empregos e são reconhecidos socialmente. Nós somos procurados por muitas empresas que gostam e que reconhecem que os nossos alunos vão muito bem preparados e são úteis às mesmas. A partir daí, acabam por ter bons empregos e serem bons profissionais. Portanto, eu acho que os cursos profissionais são uma excelente opção e uma mais-valia que esta escola oferece aos seus alunos. Agora, os alunos destes cursos têm exactamente o mesmo problema que também têm os outros alunos... uma falta de vontade de trabalhar muito grande. Ora, sabendo-se que um curso profissional não é um curso fácil - a ideia que se tem é que os cursos profissionais são frequentados por uns “coitadinhos” que se portam mal e que não conseguem fazer coisa nenhuma não corresponde à realidade, – se não existir muito empenho e dedicação não será fácil ter sucesso. Ou seja, o curso profissional, se for apoiado com trabalho, é uma excelente formação e tem todas as hipóteses de sucesso que os outros.

6- Esta escola tem mais de 200 professores e imensos alunos no ensino regular, formação de adultos, EFA, RVCC e cursos Profissionais. De que forma consegue gerir isto tudo? Quais as principais dificuldades?

- Pois, uma das principais dificuldades é essa: a diversidade de ofertas que a escola tem e muita gente. Mas isso acaba por ser um incentivo, também. Há dificuldades por ser muita gente, muita gente diferente, como vocês começaram por perguntar, níveis sociais diferentes por parte das famílias, vontades diferentes por parte dos alunos. Mas, com os professores também é semelhante, porque os professores também não são todos iguais, têm vontades e interesses diferentes. É muita gente, muita gente com formação superior e com ideias distintas. De facto, é gerir todo o funcionamento da escola e as relações entre professores famílias, alunos e funcionários com tão diversas vontades e interesses que se torna

complicado... Mas também é extremamente desafiante, no dia-a-dia, gerir estas situações. Estar a aturar-vos agora, por exemplo! É desafiante estar aqui a conversar com vocês (risos).

7- Dr. Ramos, comparando as taxas de insucesso escolar quando iniciou a sua actividade profissional como presidente da nossa escola com as taxas actuais, houve evolução?

Houve evolução, as taxas da escola tem vindo a melhorar ao longo dos anos. Tem sido pouco a pouco, pois de ano para ano os alunos são diferentes, a vontade de trabalhar dos alunos é diferente, portanto, há anos em que a escola tem um pico e tem resultados fantásticos, há outros anos que desce mais um bocadinho. Mas, na globalidade, em termos de resultados absolutos, a escola tem vindo a aumentar gradualmente os resultados.

Somos neste momento considerados uma das escolas de referência em termos de estabilidade e em termos de resultados dos alunos.

8- Visto que o abandono e insucesso escolar não depende só de si, mas também do ministério da educação, dos professores, dos encarregados de educação, que medidas deveram ser adoptadas para combater o insucesso escolar?

O abandono escolar nesta escola é zero. Nos já temos um excelente trabalho a nível de abandono escolar. Uma das nossas metas é manter este resultado. Mas um aspecto importante que não se chama abandono escolar é a saída de alunos antes de terminar o ensino secundário. Abandono escolar é quando os alunos abandonam a escola antes dos quinze anos, quando completam a idade da escolaridade obrigatória. Um factor importantíssimo é a saída precoce, ou seja, os que não terminam o ensino secundário. Há alguns alunos que saem da escola e vão para um colégio e alguns saem da escola e vão para um curso profissional. Há alguns que saem da escola e mudam de área. Essa situação dos alunos secundários de não serem capazes de concluírem ou terem algum insucesso é um assunto preocupante. O que estamos a fazer para prevenir o insucesso dos alunos é a aposta do lançamento de cursos alternativos ou profissionais. A orientação vocacional dos alunos é extremamente importante, porque os alunos têm muitas dúvidas a respeito do que querem fazer. É muito importante encontrar o caminho certo para os alunos, e por vezes, temos de resgatar alunos que estão numa área onde não se identificam e inseri-los numa outra área correspondente às suas expectativas. Esta situação é de facto um caso a trabalhar para evitar essa saída precoce dos alunos.

9- Sabendo que iria ter de se deparar com todas estas situações que temos abordado, o que o levou a assumir as funções que tem neste momento?

Olha, se calhar exactamente o que vos disse no início: há situações que exigem muito trabalho e muita dedicação.

Vejo que vocês estão a trabalhar e estão empenhados no vosso trabalho. Há imensas situações do dia-a-dia que “o ver” resolvido problemas, “o ver” quando os alunos têm sucesso, “o ver” quando as opções que tomamos são boas, “o ver” quando conseguimos limar arestas de conflitos entre pessoas. Isso são situações boas, isso compensa as coisas más. E pondo numa balança as coisas boas e as coisas más, chegamos a conclusão que as coisas boas compensam e que vale a pena continuar a desenvolver este trabalho em prol, de facto, do sucesso dos nossos alunos.

10- Numa frase, como define a sua profissão?

Em vez de uma frase eu vou dizer uma palavra: é desafiante. Com todo o contexto que tem a palavra desafio.

Desafio é aquilo que não vamos saber se vamos conseguir ou não. Somos desafiados a tentar fazer alguma coisa, não sabemos se vamos conseguir, mas é provocador. Tentamos sempre fazer algo de melhor, ir mais além e superar esse desafio. Este é meu dia-a-dia de facto, é o meu dia-a-dia aqui (sorri).

Trabalho elaborado pelos alunos de Sociologia, da Turma 12-11, no âmbito do módulo 3, Viver em Sociedade, com o tema